

O palimpsesto de Dião Crisóstomo no *Discurso* 11, 37-43

Dion Chrysostom's palimpsest in *Discourses* 11, 37-43

Rogério Gimenes de Campos

<https://orcid.org/0000-0002-5813-2730> – E-mail: rogedecampos@gmail.com

RESUMO

Heródoto funda a tópica literária da coleta de informação junto aos sacerdotes egípcios, momento em que o fascínio dos gregos frente aos egípcios se mostra com nitidez. A partir disso, os egípcios passam a figurar como modelo de conhecimento armazenado e de civilização. Veremos como, em três importantes momentos, esse encontro com o Egito é narrado pela perspectiva e invenção (*heuresis, inventio*) grega e como os sacerdotes egípcios representam um saber superior resguardado pela escrita. Nosso foco está, contudo, em reconhecer, nessas camadas históricas, o palimpsesto de Dião, ou seja, a assimilação literária dos lugares comuns presentes em Heródoto, Platão, Estesícoro, no *Ciclo Troiano* e, provavelmente, nos *Retornos de Águas de Trezeno*.

Palavras-chave: Helena no Egito. Heródoto. Estesícoro. Platão. Dião. *Retornos*.

ABSTRACT

Herodotus founded the literary topic of collecting information from Egyptian priests, at a time when the Greeks' fascination with the Egyptians was clear. From then on, the Egyptians became a model of stored knowledge and civilization. We will see how, in three important moments, this encounter with Egypt is narrated from the Greek perspective and invention (*heuresis, in-*

ventio) and how the Egyptian priests represent a superior knowledge safeguarded by writing. Our focus, however, is on recognizing, in these historical layers, Dion's palimpsest, that is, the literary assimilation of the commonplaces presents in Herodotus, Plato, Stesichorus, the *Trojan Cycle* and probably also in *Returns* of Agias of Troezen.

Keywords: Helen in Egypt. Herodotus. Stesichorus. Plato. Dion. *The Returns*.

Os sacerdotes interrogados por Heródoto e Alexandre Paris interrogado por Proteu

Heródoto em 2.113-115 afirma que teria ouvido diretamente dos sacerdotes egípcios a versão segundo a qual Helena nunca estivera em Troia e que Alexandre Paris, depois de ter raptado (*harpásanta*) Helena, havia sido lançado por fortes ventos até o mar egípcio (*exôstai anemoi ekbállousi es tò Aigýption pelasgos*), aportando em uma salina da Boca Canópia. Nesse lugar havia um templo de Hércules¹ no qual era possível se refugiar sem ser tocado por ninguém, desde que tivesse as marcas sagradas (*stígmata hirá*). Alguns dos escravos (*oikétes*) de Alexandre, sabendo disso, entregaram-se como suplicantes (*ikétai*) ao deus e o acusaram (*kategóreon*) do rapto de Helena, descrevendo a injustiça (*adikíen*) que cometera contra Menelau. Essas acusações foram feitas junto aos sacerdotes (*toùs hiréas*) na presença do guardião do lugar, Thonis, que imediatamente informara o faraó Proteu.

Proteu, ao ouvir de Thonis as impiedades cometidas (*ergon de anósion* Hdt. 2.114,4) por Alexandre, chamou o estrangeiro para saber tudo de sua própria boca. Proteu perguntou a Alexandre de onde vinha trazendo Helena com aqueles bens, mas Alexandre em seu discurso (*en tòi logôi*) não disse a verdade (*ou légontos tèn aletheíen*) e foi "errante" (*planômenon*) ao responder. Mas Proteu em seguida revela a Alexandre que já sabia de tudo, de todas as omissões de sua fala, de sua maldade contra Menelau inclusive, mas que não queria matá-lo, por isso diz que Helena e seus bens permaneceriam com ele até que o marido dela, Menelau, viesse buscá-los. Proteu dá a Alexandre três dias para partir, depois disso seria tratado como inimigo. Esse discurso de Proteu (Hdt. 2.114-115) sintetiza a versão que Heródoto diz ter colhido junto aos sacerdotes sobre a permanência de Alexandre e Helena no Egito.

Sacerdotes contam a versão de Menelau (Hdt. 2.118-119)

Em 2.118-119 os sacerdotes transmitem a Heródoto o que Menelau, quando veio buscar Helena, teria lhes contado. Eles, segundo Heródoto, são os porta-vozes das investigações (*historíeisi*) que foram colhidas, e conhecidas (*eidenai*), junto ao próprio Menelau (*par'autoû Meneléô* Hdt., 2.118,1). Menelau afirma que depois que Helena foi raptada (*harpagèn*) um grande exército grego reclamou Helena em Troia, pedindo sua restituição, seus bens, e ainda uma reparação pela injustiça cometida. Entretanto, os troianos diziam que Helena não estava lá, e que ela estava retida junto a Proteu no Egito.

¹ Cf. Hdt. 2.58-59 uma correspondência bastante conhecida entre deuses gregos e egípcios. Ver também Lattimore (1939), Hartog (1988) e Kelly (2007).

Pensando que estavam sendo ridicularizados, os gregos tomaram a cidade de Troia, mas assim que transpuseram as muralhas, como Helena jamais apareceu (*hos ouk epháineto hé Helénê*) (Hdt. 2.118,4), finalmente acreditaram no que tinham ouvido e enviaram imediatamente Menelau até Proteu, em Mênfis. Menelau subiu até Mênfis e disse a verdade acerca do que havia ocorrido (*eipas tèn alêtheièn tòn pregmátôn*) (Hdt. 2.119,1), que teria sido muito bem recebido por Proteu, de quem recuperou Helena e suas riquezas. Menelau, entretanto, cometerá também um ato injusto (*ádikos* Hdt. 2.119,2) e ímpio (*ouk hósion* 2.119,3). Impedido de navegar pelo mal tempo, ele sacrificou duas crianças do local e, em seguida, fugiu até a Líbia. Obviamente essa parte não foi narrada pelo próprio Menelau, mas é fruto de um complemento dos fatos narrados pelos sacerdotes egípcios (Hdt. 2.119,3).

O passado heroico e desconhecido dos gregos em *Timeu* 22a-25d

Crítias, em *Timeu* 22a-25d, diz que seu avô, também de nome Crítias, teria ouvido de seu bisavô, Drópides, o relato de Sólon. Nesse caso fica claro o papel fundamental desses discursos indiretos, usados amplamente por Platão, bem como de quem aprendeu esse recurso, ou seja, de Heródoto.

Sólon, ao narrar genealogias gregas, coisas sobre Deucalião e Pirra e do dilúvio, teria percebido que os gregos não sabiam nada frente aos seus hospedeiros no Egito (Pl. *Tim.*22a), pois um dos sacerdotes o interpela e diz que os gregos são “sempre crianças, nunca envelhecendo” (22b4-5), indicando que não conhecem bem a história que precedia a última destruição geral, que teria ocorrido por inundação. O sacerdote revela a Sólon que muitas destruições da humanidade já haviam ocorrido, seja por fogo, seja por água, descrevendo as consequências de cada uma delas e como novamente a humanidade se desenvolvia, desde o início, como crianças em um novo desenvolvimento (22c-23b).

Os grandes e espantosos feitos antigos de Atenas teriam desaparecido no tempo pela destruição dos homens (20e) e o conhecimento de Sólon, que não teve como completar efetivamente seus relatos, não faz parte dessa tradição (21a-c). Segundo o sacerdote, enquanto entre os egípcios a escrita (*gegramména*) estava conservada nos templos (23a4-5) e nos livros sagrados (*en tois hierois grámmasin*) (23e3), entre os gregos a linguagem escrita ficou esquecida (*lelêthen*) e muda (*aphônous*) (23c). Por isso os gregos não conhecem nada que seja anterior à última inundação, ao contrário dos egípcios, que conheciam esses ciclos e os tinham registrados na escrita sagrada.

Segundo o sacerdote, quando os Atlantes tentaram escravizar todos os povos do mediterrâneo, os atenienses tiveram papel fundamental, liderando a defesa e livrando todos os demais povos dessa grave ameaça militar (24e-c). Depois disso, houve o cataclismo pelo qual a ilha de Atlântida submergiu e desapareceu de um dia para noite (25c-d). Assim termina o relato de Crítias para Sócrates, momento em que, mais uma vez, foi possível observar a imagem de um sacerdote egípcio que conta algo desconhecido a um grego. Nesse caso, evidencia-se a questão do domínio da escrita sacerdotal como predominante, constituindo uma tópica que Platão explora no *Fedro*, especialmente na conversa entre o deus Thamou e o rei Theuth (Pl. *Phdr.* 274c5-275b2).

O palimpsesto de Dião Crisóstomo

Dião Crisóstomo faz uma mescla de elementos provenientes de Homero, Heródoto, Estesícoro, Platão e poemas do *Ciclo Troiano*. O sentido geral de seu texto é desacreditar as nar-

rativas acerca da tomada de Troia, ou seja, desacreditar Homero, baseado em fontes como *Ciclo Troiano* entre outras. Nesse trecho estudado, vemos a versão platônica de Sólon, uma vez que se exalta o desconhecimento dos gregos, algo que não aparece exatamente nesses termos em Heródoto, lugar em que, apesar de haver uma narrativa esclarecedora acerca de fatos ligados ao rapto de Helena, não são os gregos de modo geral os vituperados, mas sim uma determinada versão desses fatos.

Quando Dião diz que os gregos estavam persuadidos por apenas um homem, ou seja, por uma versão dos fatos, está se referindo a Homero, o homem que “os enganara a ponto de jurarem”. Em seguida, Dião fala de estelas egípcias nas quais a memória dos gregos estava registrada, mimetizando Heródoto (Hdt. 2.113-120) e Platão (*Tim.* 24c), pois ambos usaram tal imagem. Ao mencionar fatos mais recentes acerca de Troia, Dião diz que Menelau havia narrado tudo para os egípcios, tal qual se lê em Heródoto (Hdt. 2.118-119).

Depois desse emaranhado complexo, no qual identificamos Heródoto e Platão, Dião, mimetizando Heródoto e o Sólon de Platão, diz que ele mesmo questionou um sacerdote egípcio acerca dos temas de Troia, mas o sacerdote, ao contrário do que se vê em Platão e Heródoto, não estava disposto a dizer nada, nem gostava dos gregos, que para ele eram “pretensiosos e ignorantes”, que padeciam da soberba, a pior doença que pode afetar a humanidade. Vejamos o texto de Dião Crisóstomo, *Discurso 11, 37- 43*, em tradução feita a partir da edição de von Arnim (1962):

Eu, então, me informei com um dos mais velhos dos sacerdotes egípcios em Onouphi, lugar em que os gregos eram alvo de muita zombaria por não conhecerem a verdade acerca de muitas coisas, sobretudo as provas que foram usadas para persuadir acerca dos eventos de Troia, de como a cidade foi tomada por Agamenon e como Helena vivia com Menelau quando foi raptada por Alexandre.

E dessas coisas eles estavam completamente convencidos por um homem que os enganara a ponto de jurarem². Disse que toda a história precedente havia sido escrita, entre eles, pelos sacerdotes, em algumas estelas, sendo que as coisas ali memorizadas eram conhecidas apenas por um número reduzido de pessoas e que, na medida que as estelas foram destruídas, muitas das suas informações passaram a ser desconhecidas pela ignorância e pelo descaso dos que vieram depois. Essas coisas estão entre as mais recentes acerca de Troia, que Menelau, tendo chegado até eles, narrou tudo tal qual havia ocorrido. Demandado por mim para narrar, primeiramente não quis, dizendo que os gregos são pretenciosos e extremamente ignorantes, pois consideram-se sapientíssimos sobre si mesmos. Não há doença mais difícil que essa, nem particular, nem da comunidade, quando alguém, sendo ignorante, considera a si mesmo sapientíssimo. Ninguém é capaz de acabar com a ignorância desses homens. Nesse sentido, disse, é risível, depois de tudo isso, que vós permaneceis persuadidos por outro poeta que não seja Homero e que compôs poesia acerca das mesmas coisas todas acerca de Helena, Estesícoro, como suponho, o qual dizeis ter ficado cego por Helena, por ter mentido, mas em seguida recuperou a visão, compondo uma poesia com sentido contrário. [11.41]

Tendo dito essas mesmas coisas, afirmam que Homero não é em nada inferior com relação à verdade, e tendo ouvido Estesícoro dizer em sua ode mais recente (palinódia) que de nenhum modo Helena navegou a parte alguma³), enquanto outros [disseram] que ela teria sido raptada por Alexandre e aqui teria chegado junto a nós no Egito com seus pertences⁴), promovem controvérsia e muito desconhecimento, incapazes, assim, de suspeitar do engano. A causa disso, disse ele, é que os gregos amam dar ouvidos a essas coisas e ouvem prazerosamente quando alguém lhes narra algo. Consideram tudo isso verdadeiro, meio pelo qual os poetas distorcem o que querem para mentir, algo que

² Aqui, Dião se refere a Homero.

³ Versão de Estesícoro.

⁴ Versão de outro poema, provavelmente *Retornos* de Ágias de Trezeno.

lhes é permitido, dizem, e mesmo assim seguem acreditando neles, tanto é que algumas vezes eles trazem relatos desse tipo para os temas das suas controvérsias particulares. Entre os egípcios, entretanto, não é permitido nem falar em versos nem compor poesia, pois eles têm ciência de que esse fármaco é prazeroso para os ouvintes, então, tal qual os que tem sede não precisam de vinho, mas bebem apenas água para saciar-se, assim também os que querem saber a verdade não precisam de versos, mas lhes basta a escuta simples. Escutar poesia traz persuasão do que é falso, assim como beber vinho traz o que é vão⁵.

Dião mostra a contradição em acreditar em Homero e, ao mesmo tempo, em Estesícoro, posto que o primeiro dizia que Helena foi levada para Troia e o segundo que ela nunca havia estado em Troia. Acrescenta que Estesícoro teria ficado cego por ter mentido, recuperando a visão apenas depois de dizer o contrário através da palinódia, mostrando a inconsistência de ambos os poetas, bem como a estupidez e falta de atenção dos gregos em geral, que nem mesmo se davam conta da incompatibilidade entre tais versões.

Além das duas versões, Dião apresenta uma terceira versão, a qual ele não identifica, segundo a qual Helena teria sido raptada por Alexandre e chegado ao Egito com seus pertences. Nessa versão, o mal dos gregos, segundo o sacerdote egípcio, é o gosto deles pela poesia, que seria propícia para a persuasão do que é falso. A versão de Homero para o rapto de Helena é a mais antiga, nela Helena foi levada para Troia e Dião nem se preocupa em repeti-la. Na segunda versão, de Estesícoro, Helena não foi a parte alguma e na terceira, proveniente de alguma fonte não nomeada (*allous dé tinas*), Helena depois de raptada chegou ao Egito com Alexandre. A explicação de Dião afasta a versão de Estesícoro como portadora da informação de que Helena ficou retida no Egito, e permite ver através dessa terceira versão, de que Helena esteve no Egito, um detalhe até então não perceptível em Heródoto (HUNTER, 2009).

Heródoto ao refutar os *Cantos Cíprios* se refere a alguma outra tradição poética sem nomeá-la explicitamente. Ele diz “os *Cantos Cíprios* não são de Homero, mas de algum outro” (*ouk Homerou tá Kúpria epea esti all'allou tinós*, Hdt. 2.117, 2-3). Esse “algum outro” (*allou tinós*) pode ser uma menção a autores posteriores a Homero, não necessariamente Estesícoro, possivelmente algum dos poemas *Cíclicos*, material de épocas variadas e com temas independentes (WEST, 1985; BERNABÉ, 1996). Heródoto recusa os *Cantos Cíprios*, pois em Homero há o suficiente para defender a tese de que Helena permaneceu no Egito, enquanto os *Cantos Cíprios* teriam dito o contrário, que Alexandre em três dias chegara em Troia com Helena através ventos propícios. Há quem entenda que Heródoto confundiu os *Cantos Cíprios* com algum outro poema *Cíclico* (LLOYD, 1993, p. 51), uma interpretação difícil de ser acolhida, especialmente porque essas obras estiveram mais disponíveis para Heródoto do que para os pósteros.

Dião sensibiliza para o fato de Heródoto estar tratando de algum outro poema que não menciona explicitamente qual seja e talvez isso ocorra porque outras dessas versões estivessem disponíveis ainda na época de Dião, de modo que não seria estranho que ele identificasse ou supusesse a fonte com a qual Heródoto trabalha. Filopono afirma que versões dos *Ciclos* estavam disponíveis até a época de Alexandre Severo, entre a segunda e terceira década do ter-

⁵ Austin aponta ressonância entre Heródoto e Estesícoro a partir da menção ao fragmento 47 de Estesícoro (cf. BERGK, 1897, p. 988). Austin sugere que o *mataios logos* em Heródoto seria uma citação obliqua a Estesícoro (AUSTIN, 1994, p. 122, n. 4), quando Heródoto pergunta aos sacerdotes se os gregos diziam ou não *discursos vazios* ou *discursos vãos* (*mataios logos*, Hdt. II, 118,1) acerca dos eventos em Troia. Essa leitura se fortalece porque catálogos de etimologia posteriores legaram variações desse termo *mátas* (μάτας) atrelados a Estesícoro, tal como vemos no *Etymologicum Genuinum* (séc. IX d.C.), em que se lê: “<Vão>: cujo feminino é vã. Estesícoro diz <vãs>” (*mátên* (μάτην). *esti gàr he matê* (μάτη) *thêlukôs*. *Sthesíkhōros. mátas* (μάτας) *eipen*). Também no Léxico de ps-João Zonaras, o mesmo se repete: “<Vão>. em vez do <em vão>. A partir do feminino no vocabulário de Estesícoro foi dito <vãs>” (*mátên* (μάτην). *antí tou mataiōs* (ματαιῶς). *apo tou thêlukou eis epirrhema Stesíkhōros mátas* (μάτας) *eipôn*) (PAGE, fr. 257, 1962, p. 130, nossa tradução). Nesse sentido, esse *matên* (μάτην) em Dião seria também uma menção ao termo de Estesícoro usado ironicamente contra o poeta de Himera, considerado mentiroso.

ceiro século da era cristã (SCAFOGLIO, 2004, p. 41-42), data que habilita Dião como um possível leitor de alguma edição ou versão dos *Ciclos*.

Os *Retornos* constituem um lugar comum para Estesícoro (Paus. 10, 26, 1-6; P. Oxy. 2619 fr.33; Page, fr. 208-209), assim como o *Saque de Troia* (*Iliou Persis*) (PAGE fr. 196-205), de modo que há grande chance de que os mesmos temas tenham sido reelaborados por Estesícoro e por Heródoto. De acordo com essas proximidades evidentes, nossa hipótese é a de que esses *Retornos* poderiam ser uma resposta válida para essa menção indeterminada de Heródoto acerca de outros poemas. Esse outro poeta, que não é de Homero nem do autor dos *Cantos Cíprios*, poderia ser Ágias de Trezeno, que compôs também um poema *Retornos*, com o qual Heródoto está ligado de modo temático e por apresentar Menelau no Egito. Heródoto teria utilizado elementos provenientes “de algum outro” (*allou tinós* Hdt. 2.117, 2-3) poeta sem nomeá-lo explicitamente, reconstruindo seus argumentos objetivos a partir de Homero, mas não apenas dele, e teria provavelmente combinado outras fontes, as quais não explicita. Esses poderiam ser elementos provenientes dos *Retornos* de Estesícoro, dos *Retornos* de Ágias de Trezeno, ou até mesmo uma combinação deles (CAMPOS, 2021, p. 13-17).

Helena junto a Proteu talvez seja proveniente de Estesícoro e Menelau no Egito proveniente de Ágias. Heródoto pode ter realizado uma mescla entre diferentes fontes, trazendo Helena também para o Egito, através do raptor Alexandre Paris e, em seguida, Menelau, que teria também aportado no Egito para buscá-la, no seu retorno de Troia (BOWRA, 1934; 1963).

Suda usa a expressão “alguns outros poemas” (*álta tinà poiémata*) referindo-se possivelmente a essa ampla gama dos *Cíclicos*, bem como menciona os diversos *Retornos*, não apenas o dos aqueus, “mas também de alguns outros” (*álta kai tinas heteroi*), entre os quais pode figurar Estesícoro (SUDA II nu. 500.1). A tradição *Cíclica*, mais antiga que Estesícoro, estava naturalmente mesclada em suas elaborações, temas e lugares comuns, assim como em Heródoto. A mesma Suda utiliza a expressão “alguns outros poemas” (*álta tinà poiémata*) (SUDA, khi 595) ao mencionar outro poeta cíclico, Quérilo de Samos, e uma obra a ele atribuída, Lamíaca (ou Samíaca)⁶. Aristóteles, quando trata de explicar a função dos proêmios nos épicos, a de fazer com que a reflexão dos ouvintes ou leitores não se dissipasse, cita os primeiros versos da *Iliada* e da *Odisseia* e, imediatamente depois, apresenta dois versos atribuídos a Quérilo, evidenciando a importância e a continuidade que havia entre os épicos e os ciclos: “mostra-me outro relato (*lógon állon*), de como da terra da Ásia, uma grande guerra chegou à Europa” (Ar. *Rhet.* 1415 a11).

Embora não seja possível afirmar categoricamente que a versão de Heródoto tenha elementos do *Ciclo Troiano*, nem que ela esteja ligada a alguma versão específica dos *Retornos* ou do *Saque de Troia* de Estesícoro, Ágias ou Quérilo, é possível observar a proximidade desse campo literário e dessas possíveis transposições. Nossa percepção inicial foi a de que realmente havia algo estesicórico em Heródoto, entretanto, observamos que os *Retornos* de Ágias de Trezeno talvez tenham um papel tão ou mais importante que Estesícoro, como uma camada anterior no palimpsesto histórico de que Heródoto é receptáculo, sem que Estesícoro, contudo, se afaste desse mesmo espectro literário, pois também escreveu sobre os *Retornos*. E Dião, nesse caso, traz um indício interessante, sugerindo essa abertura para outras fontes de Heródoto, constituindo uma espécie de palimpsesto de muitas tradições literárias sobrepostas e/ou transpostas.

Quanto a oftalmia de Estesícoro, Sider (1989, p. 425) mostra a ambiência grega desse episódio, desde as ligações possíveis com Homero, chegando as oftalmias provocadas por Afrodite e as interpretações de que é apenas uma metáfora literária. Entretanto, Sider não con-

⁶ Utilizei informação da edição de Buzelli (2019, p. 249).

sidera importante o relato de Dião sobre o tema, pois segundo ele as fontes decisivas estariam circunscritas especialmente entre Platão e Isócrates, sendo que tudo que foi escrito depois deriva deles, levando em consideração apenas o relato da oftalmia de Estesícoro. Tal interpretação não interfere, entretanto, no nosso estudo, que, ao contrário, valoriza a interpretação de Dião, pois apenas ele torna visível aqueles elementos literários outros em Heródoto.

Resumidamente, o palimpsesto de Dião acolhe em suas camadas uma mescla das narrativas de Heródoto e Platão no que concerne ao interrogatório do sacerdote egípcio, ainda que esses sacerdotes sejam bastante distintos do sacerdote de Dião, apresentado como hostil aos gregos, gerando um efeito cômico na citação que realiza. Além disso, Dião discerne entre três versões acerca de Helena, sendo que a terceira delas ajuda a cogitar uma hipótese de leitura acerca do que Heródoto havia dito, referindo-se a outros poemas, que não os *Cantos Cíprios*, os quais poderiam ser do *Ciclo Troiano*, especialmente narrativas como *Retornos*, *Saque de Troia*, temas comuns também a Estesícoro, bem como *Retornos* de Ágias, no qual se vê a presença de Menelau no Egito.

Contudo, a tradução do trecho estudado de Dião mostra que ele pode ser lido como um palimpsesto em que se depositam essas camadas valiosas da cultura literária, histórica e filosófica grega: Heródoto, Platão, Estesícoro e, provavelmente, o *Ciclo Troiano*.

Referências

- ARISTOTLE. *The "art" of rhetoric*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- AUSTIN, N. *Helen of Troy and her shameless phantom*. New York: Cornell University Press, 1994.
- BERGK, T. *Poetae lyrici graeci*. Vol. 3. Leipzig: Teubner, 1897.
- BERNABÉ, A. *Poetarum Epicorum Graecorum Testimonia et Fragmenta*. Pars I. Stuttgart; Leipzig: Teubner, 1996.
- BOWRA C. M. Stesichorus in the Peloponnese. *The Classical Quarterly*, v. 28, n. 2, 1934, p. 115-119.
- BOWRA C. M. The two palinodes of stesichorus. *The Classical Review*, v. 13, n. 3, 1963, p. 245-252.
- BUZELLI, J. L. S. *Fragmentos da poesia épica e cômica*. São Paulo: Odysseus, 2019.
- CAMPOS, R. G. de. Helena no Egito sem eídōlon: Estesícoro e os Retornos de Ágias de Trezeno em Heródoto 2. 111-120. *CODEX – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2021, p. 1-25.
- DAVIES, M. *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- DIO CHRYSOSTOM. *Complete Works*. United Kingdom: Delphi Classics, 2017.
- DIO CHRYSOSTOM. *Dionis Prusaensis, quem vocant Chrysostomum, quae exstant omnia*. Berlin: Weidmann, 1893.
- HARTOG, F. *The mirror of Herodotus*. California: University of California Press, 1988.
- HERODOTI. *Historiae*. Libri I-IV. Oxonii. Oxford: Oxford University Press, 1988.

- HUNTER, R. The trojan oration of Dio Chrysostom and Ancient Homeric Criticism. In: GRETHLEIN, J.; RENGAKOS, A. (Eds.). *Narratology and interpretation*. The content of narrative form in ancient literature. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2009. p. 43-61.
- KELLY, A. *Stesikhoros and Helen*. Suisse: Museum Helveticum, 2007.
- LATTIMORE, R. Herodotus and the Names of Egyptian Gods. *Classical Philology*, v. 34, n. 4, 1939, p. 357-365.
- LLOYD, A.B. *Herodotus*. Book II: Commentary 99-182, Études préliminaires aux religions orientales dans L'Empire romain. T.43. Leiden; New-York: E.J. Brill, 1993.
- MARTIN L. *West, Greek Epic Fragments*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2003.
- PAGE, D. L. *Poetae Melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- PLATO. *Phaedrus*. Translation and commentary by C. J. Rowe. Warminster: Aris & Phillips, 1986.
- PLATON. *Timée*. Ouvres completes. Tome X. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- POWELL, E. *A Lexicon to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1938.
- SCAFOGLIO, G. Proclo e Il Ciclo Epico. *Göttinger Forum für Altertumswissenschaft*, n. 7, 2004, p. 39-57.
- SEVERYNS, A. *Recherches sur la Chrestomathie de Proclos*. Vol. IV. Paris: Les Belles Lettres, 1963.
- SIDER, D. The Blinding of Stesichorus. *Hermes*, 117. Bd., H. 4, 1989, p. 423-431.
- WEST, S. Proteus in Stesichorus' Palinode. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 47 Bd., 1982, p. 6-10.

Sobre o autor

Rogério Gimenes de Campos

Mestrado e doutorado em Filosofia Antiga pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Filosofia Antiga da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Recebido: 25/03/2024
Aprovado: 09/04/2024

Received: 25/03/2024
Approved: 09/04/2024